

TEATRO
17, 18 MARÇO 2018

MDLSX

de Motus

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Com Silvia Calderoni **Encenação** Enrico Casagrande e Daniela Nicolò
Dramaturgia Daniela Nicolò e Silvia Calderoni **Som** Enrico Casagrande em colaboração com Paolo Panella e Damiano Bagli **Luzes e vídeo** Alessio Spirli **Produção** Elisa Bartolucci e Claudia Casalini **Comunicação** Marta Lovato **Distribuição internacional** Lisa Gilardino
Produção Motus em colaboração com La Villette – Résidences d’Artistes, Create to Connect, Bunker/Festival Mladi Levi, Festival de Santarcangelo, L’Arboreto e Marche Teatro
com o apoio de Mibact, Região Emilia Romagna e Instituto Italiano de Cultura
Estreia 11 de julho de 2015 no Festival de Santarcangelo

Sáb 17, dom 18 de março
21h30 (dom 17h) - Palco do Grande Auditório · Duração: 1h20 · M16
Espectáculo em italiano, com legendas em português e inglês

MDLSX

MDLSX é um dispositivo sonoro explosivo, um hino alucinogénio e solitário à liberdade de tornar-se, ao *gender b(l)ending*, ao ser outro para lá das fronteiras do corpo, da cor da pele, dos órgãos sexuais, para lá de uma nacionalidade imposta ou adquirida, a pertença a uma pátria. Rosi Braidotti em *On Becoming Europeans* falava de “uma pertença aberta às Multiplicidades”, um texto que sugere uma identidade pós-nacionalista. E *MDLSX* procura ir além das categorias – das artísticas também. É a viagem de Silvia Calderoni, que – depois de dez anos com Motus – experimenta um formato que é como um set de DJ/VJ, de modo a iniciar uma exploração à volta das fronteiras.

Juntam-se bocados autobiográficos com evocações literárias, e *MDLSX*, misturando ficção e realidade, balança entre *Gender Trouble* e *Undoing Gender*. Cita-se Judith Butler que, com o *Cyborg Manifesto* de Donna Haraway, o *Manifeste contra-sexuel* de Paul B. Preciado e outros pedaços do caleidoscópico universo *queer*, tecem o pano de fundo desta “performance-monstra”.

“A mudança necessária é tão profunda que parece impossível. Tão profunda que é inimaginável. Mas o impossível é o que vem. E o inimaginável o que é devido.” Paul B. Preciado, *El feminismo no es un humanismo*

Motus

A companhia Motus, fundada por Enrico Casagrande e Daniela Nicolò, acabou de festejar o seu vigésimo-quinto aniversário, data importante para este grupo que irrompeu na cena nos anos noventa com espetáculos que manejavam grande impacto físico e emocional e sempre antecipou e retratou algumas das mais duras contradições da atualidade. Ao longo dos anos, o grupo criou espetáculos de teatro, performances, instalações e vídeos, orientou seminários e *workshops*, participou em festivais interdisciplinares. Receberam numerosas distinções, incluindo três prêmios UBU, e outros prestigiados prêmios pelo seu trabalho. Livres-pensadores, Motus têm atuado por todo o mundo, do festival Under the Radar em Nova Iorque ao Festival Trans-Amériques em Montréal, PuSh Festival em Vancouver, Santiago a Mil no Chile, Festival FIBA em Buenos Aires, Adelaide Festival na Austrália ou o Taipei Arts Festival em Taiwan, bem como por toda a Europa. Estiveram em Portugal em 2011 no Festival Escrita na Paisagem.

Vivenciou e criou tendências hiper-contemporâneas no teatro, representando autores como Beckett, DeLillo, Genet, Fassbinder, Rilke ou o seu amado Pasolini, levando à sua radical reinterpretação de *Antígona* à luz da crise grega. O projeto *Syrma Antigónes* (2008) nasceu da ideia de analisar a relação/conflito entre gerações, pegando na figura trágica de Antígona como arquétipo de luta e resistência.

O tema das revoluções no mundo contemporâneo foi finalmente estripado com *Alexis. Una tragedia greca* (2010), que teve uma longa e bem-sucedida digressão mundial. Este espetáculo recebeu o prémio da crítica de Melhor Espetáculo Estrangeiro na Temporada 2011-12 pela Associação de Críticos de Teatro do Québec (AQCT). Nesse mesmo ano, Enrico Casagrande, em nome de toda a companhia, foi nomeado diretor artístico do 40º Festival de Santarcangelo. Começando em 2011, Motus envolveu-se numa nova linha de pesquisa chamada projeto Animale Político de modo a intercetar preocupações, impulsos, imagens e projeções deste “amanhã que faz todos tremer”, lançando-se num panorama intrincado de artistas revolucionários, escritores, filósofos, autores de BD e arquitetos que imaginaram o Futuro Próximo.

The Plot is the Revolution foi o seu primeiro ato público, um comovente encontro entre “duas Antígonas”, Silvia Calderoni e a mítica figura do teatro político, Judith Malina, do Living Theatre (julho 2011). *Nella Tempesta* (maio 2013) e *Caliban Cannibal* (outubro 2013) fazem parte deste itinerário interpolado por Aimé Césaire, que evocaram de forma poderosa a tragédia da emigração e criaram comunidades instantâneas pelo mundo.

Pela primeira vez, em 2014, Motus começou a trabalhar na *dramatick opera King Arthur* (texto de J. Dryden, música de H. Purcell) no quadro da Sagra Musicale Malatestiana (Rimini, 2014). A música foi confiada ao Ensemble Sezione Aurea, dirigido por Luca



© Renato Mangolin

Giardini. Desde a primavera de 2014, Daniela Nicolò e Enrico Casagrande asseguraram o atelier Poétique de la scène em La Manufacture - Haute école de théâtre de la Suisse Romande (HETSR), em Lausanne.

A quem pertence a Terra? Era essa a pergunta que encerrava *Nella Tempesta*. A partir desse assunto embarcaram num novo projeto, perguntando: quem desenha as fronteiras? O novo itinerário (2015-2018) lida com o tema da fronteira/conflito através de vários processos de pesquisa. Um percurso que começa com a performance *MDLSX* (2015), um solo de Sílvia Calderoni sobre o direito à não pertença, à liberdade de transitar de um género ao outro, sem barreiras, demolindo todo o tipo de preconceito. A viagem continua com *Raffiche* (2016) e *Über Raffiche* (2017), com uma reflexão sobre as barreiras dentro dos corpos, sobre a identidade, a rebelião e a suspensão da vontade de nos definirmos.

Com *PANORAMA* (2018), Motus invoca o direito à migração, tecendo novos panoramas existenciais, onde a condição migrante se converte numa característica intrínseca da existência, testando qualquer tentação de definição identitária.

Sílvia Calderoni

A atriz e artista multi-premiada Sílvia Calderoni nasceu em Lugo, na região nortenha da Ravena, em 1981. Começou a sua carreira de atriz muito nova, com o Teatro Valdoca, e desde 2005 trabalha com os encenadores Daniela Nicolò e Enrico Casagrande em Motus, criando especialmente performances que exploram a sua androginia. Espetáculos passados incluem *A Place. That Again* (2006), baseado na obra de Samuel Beckett; *Rumore Rosa* (2007), uma homenagem ao filme de culto *queer* de 1972 de Rainer Fassbinder *As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant*; *Cruel Tales of Youth* (2007), um projeto de Motus sobre crianças suburbanas; *Antígona* em *Syrma Antígones* (2008); e *Nella Tempesta* (2013), em Montréal. Também trabalhou extensamente no cinema: em 2011 coprotagonizou com Vincent Gallo *The Legend of Kaspar Hauser* de Davide Manuli; em 2017 atuou em *Riccardo va all'inferno* de Roberta Torre e em *Amori che non sanno stare al mondo* de Francesca Comencini; foi a protagonista do videoclip *Musa* da banda italiana Marlene Kuntz.

Calderoni venceu o prestigiado prémio UBU para Melhor Atriz com Menos de 30 Anos (2009), o prémio Marte para Melhor Atriz (2013), o prémio Elizabeth Turroni para Melhor Atriz (2014), o prémio Virginia Reiter para Melhor Atriz Italiana com Menos de 35 Anos (2015) e em 2017 recebeu o prémio de Melhor Performer no Dublin Fringe Festival e no festival MESS de Sarajevo pelo seu trabalho em *MDLSX*.

Próximo espetáculo

Lucia Cadotsch

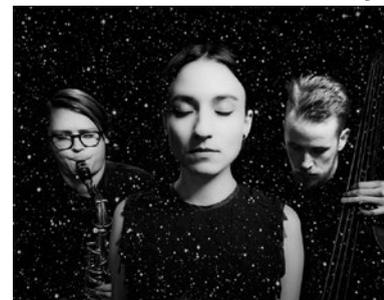
Speak Low

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Qui 5 de abril

Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6



© Michael Jungblut

O trio de Lucia Cadotsch chama ao que faz de «retro-futurismo acústico» e dedica-se à interpretação dos velhos *standards* do jazz, mas em vez de o fazer passivamente, desmembra-os e apresenta-os de forma diferente, pop, mas sofisticada.

Próximo espetáculo de teatro

sim sim não não

de Maria Duarte, Sílvia Figueiredo e João Rodrigues

Teatro Qua 11 a dom 15 de abril

Palco do Grande Auditório · 21h30 (dom 17h)

Duração: 50 min · M12



© Margarida Ribeiro

“O contador de histórias está simultaneamente no centro, intimamente, e à distância no horizonte. Ele é o horizonte, com a história de um lado e, do outro, com o geral.” John Berger (1926-2017)

Conselho Diretivo

Presidente

Paulo Moita de Macedo

Administradores

José Ramalho (Direção Executiva)

Mark Deputter (Direção Artística)

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate
e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro
temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança
temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
(coordenadora)

João Belo

Helena Salgueiro (estagiária)

Tatiana São (estagiária)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Adriana Mestre (estagiária)

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona
(coordenadora)

Patricia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira
(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

José Rui Silva

Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico de palco

Vasco Branco

Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
